



Conte  
uma  
história

DESAFIO  
INCLUSIVO  
DA BPSC

**BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA**

**DESAFIO INCLUSIVO DA BPSC:  
conte uma história**



Florianópolis, SC

2021

## DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

B582d

Biblioteca Pública de Santa Catarina

Desafio inclusivo da BPSC: conte uma história / Biblioteca Pública de Santa Catarina; Cleonisse Inês Schmitt (Org.) ... [et al/]. – Florianópolis: FCC Edições, 2021.

31 p.

ISBN: 978-65-87664-02-6

Inclui prefácio da Rede de Leitura Inclusiva - Grupo de Trabalho de Santa Catarina.

*E-book*

1. Literatura brasileira. 2. Contos catarinenses. I. Título.  
II. Schmitt, Cleonisse Inês.

CDD: 869.8

Ficha catalográfica elaborada por Laura da Rosa Bourscheid

CRB: 14/983



## **FICHA TÉCNICA**

**Carlos Moisés da Silva**

Governador do Estado de Santa Catarina

**Edson Lemos**

Presidente da Fundação Catarinense de Cultura

**Luiz Ekke Moukarzel**

Diretor de Arte e Cultura

**Cleonisse Inês Schmitt**

Administradora da BPSC e organizadora do projeto.

**Moysés Lavagnoli**

Design Gráfico e colaborador da FCC/DIAC

**Marcos Heimbart Karro**

Revisor e colaborador da FCC/BPSC

**Jean Bernardini**

**Juliana Sousa Pereira Guimarães**

**Manfred Schaberle da Silva**

**Vanessa Paula Rizzotto**

Tradutores Intérpretes de Libras da CILSC/CAS/FCEE

**Fernanda Peres**

Locutora das histórias e colaboradora da FCC

**Arlete Ferreira da Silva**

**José Carlos Rodrigues**

Consultores em acessibilidade

# **ORGANIZADORES DO DESAFIO INCLUSIVO**

## **Rede de Leitura Inclusiva**

Angelita Garcia dos Santos, Ezequiel Messias Mariano e Perla Assunção Santos

## **Grupo de Trabalho de Santa Catarina**

Arlete Ferreira da Silva

Claire Cascaes de Aquino

Gláucia Maindra da Silva

José Carlos Rodrigues

Marcilene Aparecida Alberton Ghisi

Salette Cecília de Souza

## **Equipe da Biblioteca Pública de Santa Catarina**

Eliana Pontes de Souza Vitelli

Flávio de Oliveira Graf

Laura da Rosa Bourscheid

## **Estagiários de Biblioteconomia da UDESC**

Anna Luiza Chierighini

Giovana Cafiero Souza

Letícia Caroline de Lima Melo

Luiza Gonçalves Chagas

Luiza Jaeger dos Reis

Newton Carvalho Soares Santarossa

Taciana Bossle Fischer

## **COMISSÃO JULGADORA**

### **BRASIL**

Aline Lemos Pizzio – Santa Catarina

Anamaria Kovács – Santa Catarina

Anapuena Havena Castro S. da S. Chaves - Ceará

Andréia Sousa – São Paulo

Angelita Garcia – São Paulo

Clara Maria Pugnaroni – São Paulo

Cláudio Ramos de Souza – Santa Catarina

Djair Duarte dos Santos - Pernambuco

Dom Alexandre da Silva C. R. Carvalho – Rio de Janeiro

Douglas Nélio Lima de Oliveira - Pará

Edvânia Braz Teixeira Rodrigues - Goiás

Eloah Westphalen Naschenweng - Santa Catarina

Ezequiel Messias Mariano – São Paulo

Francisco Gregório Filho – Rio de Janeiro

Helen Moro de Luca – Santa Catarina

Joel Oliveira de Souza - Acre

José Carlos Rodrigues – Santa Catarina

Julião Ayrton Ribas Goulart – Santa Catarina

Lenice Gomes - Pernambuco

Marcos Heimbart Karro – Santa Catarina

Maria Fernanda Bruni - Paraná

Maria Laura Pozzobon Spengler – Santa Catarina

Maura Soares – Santa Catarina

Norma da Silva Nascimento – Rio de Janeiro

Patrícia Galelli – Santa Catarina

Sonia Mara Saldanha Bach Passot - Paraná

Tânia Maria da Silva – Santa Catarina

## **INTERNACIONAL**

Adélio David Oliveira Amaro - Portugal

Afonso Rocha - Portugal

Albertina Saudade F. Teixeira da Fonseca -Portugal

Cláudia Vieira - Portugal

Ernesto António Moamba - África do Sul

Felícia Jennings Winterle - Estados Unidos

Maria João Martins Saraiva Torres - Portugal

Moisés Ricardo Mpova - Angola

Valquíria Imperiano Guillemín - Suíça

Yolanda Dias dos Santos Agostinho - Angola

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|        |   |
|--------|---|
| BPSC   | Biblioteca Pública do Estado Santa Catarina                 |
| FCLL   | Fórum Catarinense do Livro e da Leitura                     |
| FCC    | Fundação Catarinense de Cultura                             |
| FCEE   | Fundação Catarinense de Educação Especial                   |
| FDNC   | Fundação Dorina Nowill para Cegos                           |
| GLI    | Grupo de Leitura Inclusiva                                  |
| GTSC   | Grupo de Trabalho de Leitura Inclusiva Santa Catarina       |
| IFSC   | Instituto Federal de Santa Catarina                         |
| LIBRAS | Língua Brasileira de Sinais                                 |
| ODS    | Organização de Desenvolvimento Sustentável                  |
| UDESC  | Universidade do Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina |

## **SUMÁRIO**

|  |           |
|--|-----------|
| <b>APRESENTAÇÃO</b>                    | <b>10</b> |
| <b>CONVITE PARA SONHAR!</b>            | <b>12</b> |
| <b>A ROSA DA MAMÃE</b>                 | <b>13</b> |
| <b>A ÁRVORE</b>                        | <b>16</b> |
| <b>APRENDENDO EM FAMÍLIA</b>           | <b>20</b> |
| <b>AS COISAS E SEU TEMPO</b>           | <b>23</b> |
| <b>ENCONTRO</b>                        | <b>25</b> |
| <b>ESPERANÇA</b>                       | <b>28</b> |
| <b>HÁ PRESENTES QUE NÃO SE QUEBRAM</b> | <b>30</b> |
| <b>O ASSOALHO E A BAILARINA</b>        | <b>33</b> |
| <b>O SILÊNCIO DO "H"</b>               | <b>38</b> |
| <b>POUCA INSPIRAÇÃO</b>                | <b>40</b> |
| <b>RISO QUE SE RI SÓ É SÓ UM RISO</b>  | <b>44</b> |
| <b>SOBRE OS PARCEIROS</b>              | <b>52</b> |

## **APRESENTAÇÃO**

Convidamos você leitor a se juntar a nós na leitura dessa publicação construída a partir da produção literária dos participantes vencedores do concurso “Desafio Inclusivo BPSC: Conte uma História” lançado pela Biblioteca Pública de Santa Catarina.

Tal ação mobilizou centenas de pessoas, foram mais de duzentos participantes que escreveram suas histórias, uma comissão avaliadora que reuniu entidades e órgãos do Brasil e de vários países, além da participação de profissionais voluntários que se empenharam na escrita, edição e acessibilização desta obra.

Esta iniciativa que já nasceu no coletivo faz parte das proposições da Rede de Leitura Inclusiva, projeto de âmbito nacional mobilizado pela Fundação Dorina Nowill para Cegos e que através do Grupo de Trabalho de Leitura Inclusiva Santa Catarina – GTSC, pôde se materializar com participação de pessoas com e sem deficiência no concurso além da elaboração desta obra com os recursos de acessibilidade.

O Grupo de Trabalho de Leitura Inclusiva Santa Catarina – GTSC criado em 2015, reúne pessoas físicas e instituições de diversas áreas da inclusão da pessoa com deficiência, da leitura e educação, sendo a Biblioteca Pública de Santa Catarina uma

das instituições parceiras do GT e que diante de um cenário adverso e de muitas incertezas por conta da Pandemia da Covid-19, se lançou a enfrentar os desafios juntamente com o seu público leitor e parceiros apoiadores.

E foi assim por meio do diálogo e trocas de saberes que a **ACESSIBILIDADE ATITUDINAL** ganhou força e nos apresenta uma publicação literária que assegura o encontro de suas histórias com seus leitores, pessoas que, independentemente da sua condição, da ausência ou a presença de um dos sentidos, terão o acesso garantido nesse *e-book* acessível.

A obra é produzida na Língua Portuguesa e traduzida para a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e oferece formato acessível para pessoas que utilizam leitores de tela. Convidamos o leitor a mergulhar em cada conto, cada relato, num mergulho de mãos dadas com a imaginação e com as nossas próprias memórias. Desejamos ainda que você fique um pouco mais, conhecendo os projetos, instituições e parceiros que tornaram essa ação possível e que o convidam a fazer parte também!

**Angelita Garcia**

**Gláucia Maindra da Silva**

**José Carlos Rodrigues**

**Salete Cecilia de Souza**

**GT/SC**

## **CONVITE PARA SONHAR!**

Oiiii! Estou aqui para te convidar!

Para uma viagem em meio às histórias!

Você pode escolher o jeito que quer entrar!

Tapete mágico, rede que embala, sofá que acolhe, carro que ronrona...

O que eu posso afirmar

É que muita emoção, magia, alegria, aprendizado você vai encontrar!

Rosa, família, silêncio que fala

Gente que ri, que chora, que é diferente

Viagens, presente, sonhos para vender e comprar!

Então, vem comigo que eu vou te mostrar

Toda a beleza, aventura, encantamento deste lugar!

Dança, música, solo de coração...

Aaaaaahhh! sei que você vai se apaixonar!

Vai flutuar e deixará a imaginação voar!

**Marcilene Aparecida Alberton Ghisi**

## **A ROSA DA MAMÃE**

Sophia Debiasi Mattei – 15 anos

São Ludgero/SC

Já era noite e eu estava abraçada, aconchegada aos meus pais, mas um sentimento de melancolia tomava forma dentro de mim.

Melancolia por não ser mais aquela criança de antes, por não possuir aquela inocência pura sobre o mundo, por não reservar tanto tempo para brincar na chuva, rir à toa e nadar em um mar de sonhos cintilantes. No entanto, eu me assegurava de jamais deixar escapar por entre os dedos a essência da infância.

Enquanto eu me deleitava com a sensação de estar nos braços de pessoas amadas, fitava o criado-mudo ao meu lado: seria apenas um criado-mudo se não tivesse um vaso estreito com uma única rosa solitária, delicada, de pétalas abertas e formosas, com um tom rosa-chá, simplesmente um reflexo das mãos bondosas de Deus. Mamãe dizia que aquela era a sua rosa e que a rosa se chamava Sophia.

Sim, eu era a sua rosa e ela a guardava ali bem ao lado de sua cama. Ao lembrar do carinho de minha mãe para com a sua rosa, foi inevitável que meus pensamentos se ligassem a um menino que arrebatou meu coração: "O pequeno príncipe".

Assim como mamãe, a rosa era o seu grande amor: ele a cultivava e protegia com muito afeto. A flor era única e especial para ele e por isso não havia outra igual no mundo inteiro porque ela o cativou.

Finalmente eu entendi o significado de ser a rosa que minha mãe admirava. Afinal o que me tornou tão especial aos seus olhos foi todo o tempo que ela dedicou a mim: ela me plantou com a sua bondade, regou com lágrimas de felicidade, adubou com todo o seu conhecimento e me enlaçou em uma redoma de vidro: o seu abraço. Ela me viu e vê crescer, acompanhando todas as minhas fases e está sempre ao meu lado sussurrando palavras de conforto.

Viro-me para olhar de relance sua feição e o que vejo solidifica minha certeza: mamãe é mais do que uma flor para mim, é todo o meu sol!

De todo jeito, o Pequeno Príncipe estava certo: "O essencial é invisível aos olhos".

Eu sabia que todo o amor que sinto por ela jamais seria visto porque o amor é essencial demais: não se pode ver, não se pode entender e muito raramente se consegue provar.

O amor é apenas estação do viver o qual se tem de sentir.

No fim das contas, somos todos rosas no jardim da existência à espera de borboletas que nos ensinem a observar e absorver a poesia que existe em todo e qualquer lugar, mas não nos esqueçamos de cultivar as sementes para que elas possam florescer!

[Leia esta história em áudio e em libras.](#)

## **A ÁRVORE**

Cristiane Dias – 43 anos

Criciúma/SC

Às nove horas da noite, em seu quarto, Ana pega uma pastinha azul com elástico e tira de dentro uma folha em branco.

A professora de Ana pediu que as crianças desenhassem uma árvore com tronco, galhos e frutos. Nada difícil para uma menina do 5.º ano, a não ser por um detalhe: a professora queria que cada aluno desenhasse sua árvore genealógica.

Ana olhava a folha em branco e ouvia os sons da casa. No quarto ao lado, a mãe rezava o terço baixinho, quase resmungando, como fazia todas as noites. Na cozinha, a tia lavava a louça e preparava a marmita para levar para o trabalho. Na sala, o primo jogava videogame. De vez em quando dava para ouvir o estalar das paredes e do chão de madeira.

Segundo a professora, os alunos teriam que desenhar primeiro o tronco da árvore, que deveria ser grande, pois nele seriam colocados os nomes dos avós maternos e paternos. Do tronco deveriam ser desenhados os galhos. Os frutos seriam os filhos.

O trabalho era para o dia seguinte, e Ana decidiu que não o faria. Iria dizer para a professora que tinha esquecido. Ela daria

outra chance para entregá-lo e, novamente, Ana iria dizer que tinha esquecido. A professora explicaria que, se não entregasse o trabalho, ficaria com nota baixa no boletim. Mesmo assim, Ana não desenharia sua árvore genealógica.

Se desenhasse tal árvore, o tronco seria fino, porque aquela que chamava de mãe era, na verdade, sua avó materna. O avô materno morreu antes de ela nascer. Os avós paternos ela nunca conheceu, assim como nunca conheceu seu pai. Sua mãe a deixou aos cuidados da avó e foi embora de casa. Nunca mais se soube dela. Então a árvore teria um único galho, a tia. A tia era mãe solteira. O primo seria um fruto. Ana seria outro fruto, mas, em que galho? Ficaria no tronco, junto a sua avó-mãe.

Ela começou a imaginar as árvores dos seus colegas de classe, todas com grossos troncos e galhos com frutos. Árvores grandes, bonitas, corretamente desenhadas. Não teria coragem de apresentar, diante de toda a sua turma, uma árvore estranha, mirrada, incompleta. E os olhos de Ana se encheram de lágrimas.

Neste momento, ela ouviu vozes de pessoas que discutiam, vindas da casa em frente a sua. Vozes de uma mulher e de um homem. Brigavam. As crianças choravam e pediam que os pais parassem de brigar. Todas as noites as mesmas brigas, os mesmos choros. Por quê?

Ana lembrou-se, então, de quando tinha reunião de pais na escola, entrega de boletins, festa junina, apresentações. Sua pequena família sempre estava presente e lhe dava muito carinho. Todos os dias sua avó-mãe passava seu uniforme, preparava seu café da manhã e almoço. Sua tia arrumava seu cabelo. Seu primo de treze anos a levava para a escola.

Muitas crianças em sua escola, apesar da bonita árvore genealógica, não podiam contar com a presença dos pais, avós, tios, primos nas reuniões e festas. Tantas crianças, que deveriam sentir-se seguras e protegidas em suas famílias, na realidade, sentiam medo.

De lápis em punho, Ana desenhou sua árvore genealógica. O tronco era fino, curto e cheio de ruguinhas, como o rosto de sua avó-mãe. Do tronco saiu o galho em que escreveu o nome da tia. Representou o primo na forma de um limão e pintou de verde, porque sabia que ele ficaria zangado se o pintasse de vermelho ou amarelo, feito maçã ou laranja. No tronco desenhou a si mesma em forma de maçã, fruta de que mais gostava.

Depois de pintada, a menina não achou mais sua árvore tão estranha. Ela era, na verdade, diferente. Assim como as árvores que dão maçãs são diferentes das árvores que dão laranja, limão, pêssigo, jabuticaba. Na sala de aula, a professora sempre falou que os alunos devem respeitar as diferenças: diferença de cor, diferença de raça, diferença de

religião. Amanhã, os colegas de Ana aprenderão a respeitar também as diferenças de árvores genealógicas.

Já era quase meia-noite quando a tia de Ana estranhou a luz do quarto da menina ainda acesa. Em uma cadeira de palha viu o uniforme caprichosamente dobrado, a mochila arrumada com seu material e o par de tênis ao lado da cadeira. A tia apagou a luz e saiu.

Ana dormia abraçada à sua pastinha azul.

[Leia esta história em áudio e libras.](#)

## **APRENDENDO EM FAMÍLIA**

Milene Priscila Lima de Oliveira – 33 anos  
Florianópolis/SC

Tudo parecia normal.

Os meus pais trabalhavam fora

E nós íamos para a escola.

Depois, um deles nos buscava.

Um tempo juntos passávamos, um pouco,

Pois logo mamãe e papai tinham coisas para terminar. Ou  
diziam ter coisas novas para aprender,

Um curso para fazer.

Esses, nos quais crianças não poderiam estar,

Pois tinha gente que se incomodava

E iria atrapalhar.

Ah! que bom! ainda posso brincar com meu irmão!

Ou melhor, assistir à televisão!

Mas, de repente, teve um dia, em que tudo mudou:

Os ônibus pararam, a escola fechou, até meu piquenique de  
aniversário adiou...

– Ninguém deve sair de casa,

A quarentena começou!

Mas foi aí então

Que vimos que nossa casa era coração,

Pois ainda que tudo pare,

Se no lar continua a pulsação,

É sinal de que há vida.

E, com afeto, ternura e responsabilidade

E com certa ansiedade,

Pois, assim, tem horas em que ninguém se entende, Cada um querendo fazer uma coisa diferente.

Ficamos todos meio perdidos e chateados com nós mesmos.

Mas tem aquelas horas

Em que aqui em casa

É igual escola.

Fazemos um plano e nos ajudamos:

Imaginamos, pesquisamos, lemos, pensamos, oramos,

desenhamos, escrevemos, brincamos, construímos,

Construímos, observamos, brincamos,

Construímos, oramos, desenhamos, escrevemos,

Imaginamos, pesquisamos, lemos, pensamos...

Enfim... todo mundo tem

Este coração chamado lar

Que não para de pulsar.

Mas lembrem-se de alguns que necessitam

De um pouco mais de atenção.

São aqueles que moram só com papelão.

Esses, todos temos que ajudar,

Estando em quarentena ou não.

Mas, voltando a contar

Sobre em casa ficar,

Nossa família está aprendendo

A aprender direito,

Pois só aprende aquele  
Que de um jeito fácil sabe ensinar.  
Então, quando a quarentena acabar,  
Todos terão entendido  
Que é junto que se aprende  
E ninguém vai se incomodar  
Se é adulto, velho ou criança  
Que vai participar.  
O importante é ter vontade e acreditar  
Que aquele que recebe as crianças  
Também recebe o melhor lugar.

[Leia esta história em áudio e libras.](#)

## **AS COISAS E SEU TEMPO**

Myrian Maciel de Carvalho – 53 anos

Florianópolis/SC

Eu li todos os livros da autora e chefe, Marlena de Blasi, inclusive “A doce vida na Úmbria”, onde ela relata exatamente isto: a doce vida nessa região da Itália, mais especificamente em Orvieto, uma cidade medieval incrustada sobre um monte rochoso, belíssima, na qual as coisas acontecem a seu tempo.

Eu precisava conhecê-las: a cidade e Marlena. Elas eram parte de mim, certamente. Assim, partimos para a Itália, eu e meu marido, grande parceiro!

E lá estávamos nós, no trem, a caminho de Orvieto. Eu, convicta; ele, um pouco cético, pois afinal o livro havia sido escrito cinco anos antes, e ela poderia ter mudado de cidade. Mas eu tinha certeza de que iria encontrá-la, eu sabia que iria encontrá-la!

Chegamos, deixamos as bagagens no hotel, e saímos caminhando por aquela cidade medieval. Não havia ninguém nas ruas. Era hora do almoço.

Até que chegamos a um largo. Havia três pessoas em um Café e ela era uma delas. Portanto, foi a primeira pessoa que vi em

Orvieto, depois do funcionário do hotel, mas este não importa, não é mesmo?

Fiquei chocada e fui caminhando até ela aos prantos. Ela levantou-se e me abraçou. Foi mágico. Não conseguia expressar-me em qualquer idioma: nem em italiano nem em inglês, porém consegui dizer que estava ali por causa dela, pois ela traduzia minha alma, e almas, quando se encontram, conversam em sua própria língua.

Assim, fomos convidados para comparecermos a sua casa, à noite: um antigo salão de baile, em um palácio. Bebemos vinho, e eu conheci o local onde ela escreveu a história que me fascinou.

Jantamos todos: eu, meu marido, ela e Fernando, seu marido, simpaticíssimo, em um restaurante situado no interior de uma gruta, esplêndido.

Conversamos, comemos, choramos, trocamos sorrisos, trocamos de almas...

Já madrugada alta, caminhávamos de mãos dadas por aquela cidade que dormia, com a leveza e a certeza de um encontro eternizado na mágica daqueles momentos.

[Leia esta história em áudio e libras.](#)

## **ENCONTRO**

Maria Aparecida de Moraes – 50 anos  
Blumenau/SC)

Esta história, a qual quero compartilhar, aconteceu em 2011, quando eu e minha família fomos passar o final de ano na cidade de Rio dos Cedros. O local foi escolhido por ser próximo a uma represa e porque era permitida a circulação dos animais pelo hotel, juntamente com os hóspedes.

A nossa intenção era permanecermos por três dias, porém choveu demais e então decidimos retornar antes para a nossa cidade: Blumenau.

No caminho de regresso, percebemos que havíamos nos desviado mais de vinte quilômetros do acesso e paramos.

Naquele momento, aproximou-se, da janela do carro em que estávamos, um cachorro.

Abrimos a porta e o cachorro chegou até nós. Era um cão da raça Labrador. Encontrava-se bem magro, descuidado e aparentava ser uma fêmea.

Então, recordamo-nos de que havia desaparecido um cão do hotel em que ficáramos hospedados e que se tratava de uma cadela da mesma raça.

Decidimos ligar para o hotel e verificar se identificávamos o cão. Disseram-nos para chamá-la pelo nome e assim fizemos.

O nome dela era Laís, mas ela não atendeu. Mesmo assim, ela permanecia conosco.

Ligamos, então, para o veterinário, que ficava próximo de onde estávamos, mas ele não pôde atender-nos, visto não se encontrar no consultório naquele momento.

Ficamos pensando se voltávamos para o hotel ou se continuávamos nossa viagem. A única certeza que tínhamos era a de que se não fosse a cachorra desaparecida, nós ficaríamos com ela.

Entramos no carro juntamente com a cachorra, e a chuva continuava, intensa.

Quando chegamos perto do hotel, a cachorra agitou-se bastante. Começamos a pensar em duas possibilidades: ou era ela mesma ou então estava com medo. Assim que chegamos, os outros cães do local passaram a cercar o nosso carro.

Descemos, conversamos com os proprietários do local, os quais não reconheceram a cachorra, mas, em um determinado momento, recordaram-se de uma brincadeira da qual costumava participar e, então, se fosse ela, certamente se lembraria...

Consistia em jogar um graveto na represa para ser de lá retirado e ao praticarem a ação, a cachorra saiu em disparada, correndo para buscar o objeto. Quando retornou com o graveto na boca, os outros cães a reconheceram, o que foi uma cena demasiado emocionante.

Foi mesmo um encontro entre os animais e percebemos que havia um forte laço envolvendo a todos e que a reciprocidade existia.

Para nós também foi muito importante, visto que já havíamos decidido ficar com ela. Tínhamos outros animais e sabemos o quão indispensável é cuidarmos deles, entendendo que este ato de cuidado é um compromisso que devemos assumir: de cuidarmos das pessoas, da natureza e dos animais.

[Leia esta história em áudio e libras.](#)

## **ESPERANÇA**

Olegário da Costa Maya Neto – 34 anos  
Florianópolis/SC

Havia um menino e seu nome era Bino.

Ele e sua família eram ribeirinhos.

Assim como eles, também o eram seus vizinhos.

Um dia, começou a chover

E o sabiá veio ver.

Será que chove um mês?

Talvez... Talvez...

Choveu um dia, e dois,

E mugiram os bois.

O rio subiu.

É verdade, a terra, o rio já invade.

A família deixa o lar e se põe a caminhar.

Bino está triste,

Mas a esperança existe.

- Vamos à casa do tio,

Nele eu confio.

Já era madrugada

E eles na estrada.

Estava escuro e Bino tinha medo.

- Teu medo eu já curo

O pai apontou com o dedo.

O céu estrelado

Deixou Bino aliviado.

Bino tinha fome

E encontraram um homem.

– Está com fome?

Quer rapadura?

Tome!

Bino a rapadura comeu,

E com isso se fortaleceu.

– Obrigado, disse, empolgado.

Já era dia

E do rio veio a cotia.

– Cuidado com a corrente!

Há aí um barqueiro experiente.

– Nos ajuda, barqueiro!

Mas não temos dinheiro!

Leva a família inteira

Até a outra beira.

Agradecidos, do barqueiro ficaram amigos

E chegaram ao destino

A tempo do café matutino.

[Leia esta história em áudio e libras.](#)

## **HÁ PRESENTES QUE NÃO SE QUEBRAM**

Marcos Alves de Lima – 39 anos

Blumenau/SC

Era a turma da primeira série. Um dos colegas, no recreio, exibia um carrinho que, ao bater em algum obstáculo, se desmontava. Depois, era só montar e provocar um novo acidente.

E eu, que criava meus brinquedos, naquele momento, desejei ter um carrinho daqueles.

Mas a vontade de ter um brinquedo igual não ofuscava a alegria de ver a festa do meu amigo.

Naquela semana seria o meu aniversário. Na minha imaginação infantil, eu pensei que não seria nada mau receber um carrinho para provocar diversos acidentes inofensivos. Porém eu sabia que não haveria nem presentes nem festa.

Era tão natural para a gente contentar-se com a alegria de ficar um pouco mais velho e receber com um sorriso os cascudos dados pelos irmãos e pelos colegas...

Sem esperar, minha avó, que morava em uma cidade vizinha, apareceu com seu jeito sério e com ternura nos olhos.

Não era uma simples visita. Havia uma razão para tal: o meu aniversário.

Ela tirou de sua bolsa um pacote de pipoca amarela feito por ela, deu-me alguns trocados e disse baixinho, em tom de segredo:

- Teu presente de aniversário!

Havia tanto amor naqueles olhos de mel! Tanto amor naqueles olhos de avó! Tanto amor naquele pacote de pipoca amarela!

Peguei o presente feliz da vida e usei os trocados para comprar algumas guloseimas e dividi com os meus irmãos. Não tinha balões, nem ambiente decorado, mas o meu coração estava em festa. Nunca esqueci aquele dia.

Provavelmente, eu ficaria muito feliz se recebesse aquele carrinho de presente, mas receber a visita da minha avó em razão do meu aniversário e o pacote de pipoca amarela que ela mesma fez, não tinha comparação. Já se passaram alguns aniversários. Amanhã, completarei mais um ano de vida e eu estava aqui olhando a foto da minha avozinha e relembro aquele dia.

Seria bom demais eu abrir a porta e ver minha avó chegando, com seu jeito sério, com aqueles lindos olhos de mel, com um

pacote de pipoca feito por ela e ouvir, baixinho, em tom de segredo:

– Teu presente de aniversário! Seria bom demais!

[Leia esta história em áudio e libras.](#)

## **O ASSOALHO E A BAILARINA**

Ricardo Augusto Mattos Faion – 28 anos

Florianópolis/SC

Fora muito frequentado. Em seus tempos áureos, conhecera pessoas importantes. Pessoas que se desentenderam, pessoas que se divertiram, pessoas que se apaixonaram, ainda que apenas por um instante. Dentre essas, encontravam-se artistas, dançarinos, músicos e escritores. Seus lustres viram bailes, suas janelas esboçaram pinturas, seu assoalho recepcionou os pés dos mais variados dançarinos: de salão, de jazz, de balé, de tango, entre outros.

Um dia, por ventura, uma bailarina se apaixonou por aquele piso. Pisava-o intensamente, saltava, esmagava, atordoava o pobre assoalho, mas ele sorria. Teria sido feito para ela, teria sido feito para sua dança.

As paredes ouviram o melhor do samba, da bossa, da mpb e da tropicália. Passaram por seus auriculares as melodias entoadas pelo próprio Cartola, Gilberto Gil, João Gilberto, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Caetano e Elis.

Naquele período, as paredes eram douradas, não o dourado torpe do ouro ou aquele amarelo queimado que os artistas desprezam, era o dourado do pecado. Pecado santo e perdoado, cometido pelos amantes e amados.

Eram tempos de festas e dos grandes bailes. Por vezes, um ou outro transeunte estrangeiro perguntava se a casa não seria de propriedade do Sr. Gatsby, infelizmente a região nunca conhecera tal senhor.

Após incessantes noites de amor e loucura, a bailarina casou-se com o assoalho. É certo que o casamento só pôde se dar dentro da casa, seria crueldade tirar o piso para ir à cerimônia.

O dia não viu baile mais bonito. A casa se vestiu em traje de gala. Os tecidos brancos enfeitavam as portas e declaravam aos passantes que ali se realizaria a plena exibição do amor. O fato não era diferente do anunciado. O amor, esse exibido, aparecia por todos os cantos. Não que em outras vezes, com outras vestes, ele também não o fizera, mas das outras tinha certa vergonha. Desta não! Desta, exuberava-se.

Assim, as pilastras amaram; as janelas, os quadros, as luminárias, as lamparinas e todo aparato de iluminação; como também, as mesas, as cadeiras e os móveis amaram; sem contar as paredes, que, quando descobertas, se tornaram rubras. Porém, quem mais amou foi o próprio assoalho. Viu-se no maior momento de sua vida. Nunca comportara tanta gente e, mesmo assim, estava feliz.

O ponto alto da festa foi quando um poeta árabe de renome ilustre – todavia não me recordo de seu nome – declamou um poema intitulado, nada mais nada menos, do que “O assoalho e

a bailarina". Claro, poema feito especialmente para a ocasião. Imagine como todos os ternos e vestidos também amaram neste momento.

Pena que a casa não viu o casamento perdurar. A bailarina entediou-se. Sumira a graça de saltar, equilibrar-se, empurrar, forçar e esmurrar aquele chão duro. Até o rangido que outrora a apaixonava, não causava mais efeito. Acabou por amar outro tipo de piso, um mais instável, mais provocador, mais desequilibrante. Sentiu pena do pobre que ficava para trás. Entretanto, o medo de desistir de sua arte era mais forte. E, assim, foi-se.

O coitado do assoalho ficou desnivelado. Acabou com as festas. Nada de gente o pisoteando e o magoando como querem. O acesso estava restrito. De agora em diante, apenas pessoas autorizadas.

O telhado, que era alto, baixou. E, aquilo que um dia fora casa, tornou-se escritório. Tratava apenas de contas, contratos, documentos originais ou autenticados. Preocupava-se somente em arquivar.

Com o tempo, os arquivos ocuparam as paredes. Estas, que antes viam e ouviam tudo o que acontecia, agora disputavam piscadelas entre gavetas e armários. Os móveis alegres e convidativos foram trocados pelos sérios e constrangedores.

Era unânime, tudo se tornara velho. Não antigo, com ar de clássico, e sim, velho, sem ar nenhum.

Somente três pessoas estavam autorizadas a circular pela casa, todos colaboradores. Até os clientes, eram obrigados a esperar do lado de fora. O assoalho não suportava mais sentir-se pisoteado, pois já achava que um baile iria começar.

As janelas, encobertas pelos malditos e infelizes arquivos, cerraram-se para a paisagem. Porém, isso pouco importava, o sol já se esquecia de iluminar aquela casa. Contudo, não podemos dizer que só a tristeza imperou. Por vezes, alguém conseguia colorir as paredes, afastar os móveis, escutar os pássaros, entretanto, bastava o assoalho descobrir que logo as mandava de volta a contar, somar, dividir, multiplicar, subtrair, por fim, arquivar.

Nada durou.

Se o sol não aparecia, o contrário se dava com a água. A chuva passageira, em cima da casa, aumentava. Chuva virava aguaceiro e aguaceiro, toró e toró, enchente. Os móveis não se adaptaram àquelas condições e decidiram ir embora, e foram. Sem cadeira para sentar, sofá para deitar, assim, os homens também se foram. Um pedaço aqui, uma parte ali, o telhado também debandou. É verdade, ele não queria. Afinal, tinha visto tantas coisas belas. Seria só mais um momento de turbulência? Porém não conseguiu se sustentar. As paredes

primeiro mofaram e depois cederam. Permaneceram apenas os arquivos, eis que já estavam arquivados mesmo.

Quando estive lá, eu vi.

Vi a cafeteira pingando, mesmo sem água, como se quisesse pronunciar sua solidão. Se não fizesse nada, nada seria. Porém insistia, pingava. Ainda estou aqui, dizia.

Vi o arquivo morto, inútil, sem função. A geladeira com baratas, os biscoitos com ratos; a infiltração, os musgos; e uma pequena erva daninha que brotava da parede, utilizando como alimento um esguio feixe de luz que o sol autorizava entrar.

Não tenho certeza se a casa se lembrava dos seus tempos de glória. Talvez alguma ranhura, marca ou cicatriz no assoalho havia sobrado de recordação. Alguma pilastra ou parede continha alguma memória, todavia era tarde. Seria enterrada, demolida. No lugar ergueriam um prédio, um edifício ou um shopping. Contudo, não será mais aquele mesmo assoalho. O que será que será? disse, um dia, Chico Buarque para as paredes daquela casa.

[Leia esta história em áudio e libras.](#)

## **O SILÊNCIO DO "H"**

Abigail Aguirre Cuervo – 6 anos. Colaboração de Ivón Natalia Cuervo - 37 anos, sua mãe.

Florianópolis/SC

O "H" estava triste porque não tinha som. Então ele saiu do livro em que morava e começou a chorar. O livro de onde ele saiu estava em uma biblioteca.

Daí a senhora da biblioteca escutou alguém chorando e foi ver o que acontecia. O "H" falou com ela de como ele se sentia naquele momento. Ela disse que ele tinha som, o que acontecia era que tinha que achar esse som.

Ela o convidou para ficar em silêncio e procurar seu som interior. O "H" se lembrou das vezes em que ficava do lado das outras letras e ele conseguia falar com elas.

– "Eu gosto de ficar perto das vogais", ele pensou. "E sou sensível para saber quando outros precisam de mim. Por exemplo, no castelhano, se o "C" ficar engasgado, eu o ajudo, e seu som muda para "che".

A bibliotecária mostrou para ele um livro que tinha uma parte onde ele era o protagonista. – "Este livro é um dicionário", ela explicou. "Tem muitas palavras que não seriam as mesmas sem você". A palavra humanidade inicia com você, e também a

palavra humor se vê mais completa graças a você. Você tem vários sons em diferentes línguas. Sinta-se feliz e não vá embora do seu livro”, ela o animou.

Então o “H” entrou pelas letras douradas da capa de um livro antigo e, começando pelo título, encheu todo ele, ficando no primeiro lugar da palavra Hamlet. E todas as letras ficaram muito felizes, porque sem ele o livro estaria muito sem graça e as pessoas não o pegariam.

Fim.

[Leia esta história em áudio e libras.](#)

## **POUCA INSPIRAÇÃO**

Gabriela Nascimento Rossi de Oliveira – 32 anos

São José/SC

A história que você lerá agora foi baseada em fatos reais vividos por uma adolescente bastante questionadora e nem sempre com a razão.

Aos 13 anos, Gabriela sofria com bullying de natureza xenofóbica e reagia com blindagem de guerra através de discursos fervorosos dentro e fora de sala de aula, mas também treinava falar “mãe” ao invés de “mainha” em frente ao espelho, pois seu empoderamento não era assim tão empoderado.

Certo dia, estava ela em sua aula de redação, numa escola do sul do país, quando uma professora orientou a turma a escrever um poema para concorrer a uma premiação cujo tema deveria versar sobre o Dia do Livro.

A Gabi, num dia não muito feliz, resolveu se rebelar ficando ali na sua mesa parada e pensando, afinal, que Professora passa uma atividade assim sem explicar mais nada? Como pode uma professora ficar parada por 40 minutos enquanto a aluna escreve? E como pode uma professora exigir que alguém escreva na hora que ela quer?

Eis que a professora se aproxima da sua mesa e lhe pergunta o óbvio:

– Por qual motivo você não está fazendo o que foi solicitado?

Como já tinha um histórico de boa escrita e boa leitura, Gabi se valeu deste ethos prévio conhecido entre os combatentes: uma espécie de artista da escrita e leitura precisava de fonte inspiradora e liberdade de criação, ou seja, quem poderia escrever às 7h10min da manhã, indagou pra si mesma, como escritora em formação, armando-se para responder à pergunta da professora.

E a aluna tão sabida, já no aguardo da pergunta, responde prontamente:

– Não estou inspirada agora!

Seus colegas de sala reagiram como ela esperava, com tensão e silêncio pelo reforço sempre necessário de autoafirmação do que pra ela era impor brio e princípios, não simples arrogância.

Mas a professora pôs fim àquela batalha e fugiu do roteiro comum das reações de sobreposição de poder como:

– Eu sou a professora e você é a aluna, faça a atividade, você está na escola; Ou:

– Você não pode falar comigo dessa maneira, vá conversar com a coordenação e refletir.

Não, a professora disse apenas:

– Gabi, esperar por inspiração para escrever é contribuir para a falsa ideia de que escritores, músicos, esportistas e artistas em geral são bons porque nasceram com dom, com inspirações constantes. Dessa forma, marginalizamos e até desvalorizamos esses trabalhadores tão importantes, que como os outros precisam treinar, ter disciplina, para fazer e refazer o seu trabalho inúmeras vezes até a excelência.

Eis que, por sorte da Gabriela, os colegas de sala não entenderam nada do que a professora estava dizendo e queriam mesmo é que ela fosse expulsa da sala.

Gabi ficou calada, balançou a cabeça lentamente como quem diz um sim envergonhado e pegou o lápis esboçando algo no papel.

Alguns dias depois, a professora divulgou o poema vencedor do Dia do Livro e entregou a premiação: um livro com uma coletânea de textos de alunos de várias escolas, finalizado pelo poema vencedor a seguir:

Pouca inspiração

Sugiro por decreto:

Escritores “(in)felizes”, dignos de leitura, “(im)parciais” e “(sem)(com)credos”.

Faremos também:

Leitores(as) viris, contínuos(as) e (in)cansáveis. Que do Épico à Tragicomédia.

Não precisemos encontrar lirismo prático. E para as aulas de exceção:

Rocha, Cony e Seixas, representantes das artes brasileiras, vivos em terras estrangeiras, vivos num filme, num livro ou canção.

Tudo para indiretamente explicitar, que devemos não só ler e escrever, como aprender a criticar, como criticar uma estudante em seus dias de pouca inspiração.

[Leia esta história em áudio e libras.](#)

## **RISO QUE SE RI SÓ É SÓ UM RISO**

Rozy Spiecker – 28 anos

Florianópolis/SC

Imagine um mundo. Nesse mundo, a vida se repete de forma precisa num círculo fechado no tempo. De vez em quando, muito raramente, algum acontecimento quebra as correntes do tempo que prendem as pessoas, abrindo brecha para algo novo, não necessariamente bom, mas novo. Eu estive lá. Vivi lá. Preso. Acorrentado durante anos. Até que o destino, indomável precursor de histórias no tempo, passou por mim, e eu, num instinto de sobrevivência, decidi não perder a oportunidade e me deixei levar por ele.

Convém demorarmo-nos mais nos horizontes desse evento, por isso, vou contar-lhes com veracidade essa passagem breve e libertadora que foi a quebra de um ciclo de tempo nesse mundo.

Era uma manhã quente, a primeira da estação. Eu, um jovem escritor aposentado, acomodado com a rotina na loja de livros em que trabalhava, entorpecido pelo mesmo, só queria não ter um real motivo para deixar de sorrir. Nesse ambiente que eu chamava de vida, logo na primeira olhadela via-se que algo estava fora do lugar, eu vendia sonhos ao invés de assumi-los e escrevê-los.

A loja estava localizada no corredor principal da galeria de consumo, e foi em meio à multidão insana que procura gastar logo e somente prazerosa seu pouco tempo, é que eu gastei quase todo o meu. Por conta de idade eu era meio tagarela e inquieto. Isso me tornava diferente daquela massa, apesar de fazer parte dela. Eu os observava e não me via neles. Eram ansiosos, depressivos, estressados e cansados. E eu ali, parado no tempo, observando. No fundo eu sabia que a qualquer momento aquelas águas paradas se moveriam e lavariam tudo, para começarem outra vez. Essa era a minha esperança. Em algumas ocasiões eu até conseguia arrancar alguma risada sincera de algum transeunte. Esse era o meu pagamento. Nesses raros momentos eu era vitorioso, ia para casa como se a minha batalha pela paz naquele dia tivesse sido vencida.

Foi naquele dia quente que o meu próprio motivo para sorrir começou. Já acordei agitado, me distrai e meu café esfriou. Sem muita coragem, mas não desanimado, saí de casa para mais um dia igual ao de ontem e ao de amanhã. Essa é a vida neste mundo.

Há tempos eu vinha me questionando sobre o motivo de eu vender sonhos, minha consciência me encabulava com questões do tipo "e se você deixasse de viver hoje, o que ficaria de exemplo pelo caminho que você percorreu?". Demorei-me demais em minhas impaciências existenciais, tanto que o ônibus passou direto. Corri atrás e, com algumas batidas na

lateral, o motorista me viu e me deixou entrar. Lá estava eu, vivendo com precisão um dia igual ao anterior. Contudo, a minha mente estava diferente. Ninguém mais via?

Caloroso, o dia foi passando, atendi alguns clientes, colhi alguns sorrisos. Engoli o meu almoço e, no final, só no final, me dei conta de que aquele era o último dia que eu tinha para encerrar positivamente a minha meta mensal de vendas. Já fazia alguns meses que eu não a alcançava, e a chefia, sempre atenta aos números, me pressionava por uma melhora. Eu não sabia o que fazer, ofereci, sorri, fiz o meu melhor, dei o meu tudo, e nesse tudo, de um em um, faltando minutos para a loja fechar, faltava um.

O corredor aos poucos ia se esvaziando, apenas pessoas apressadas em não perder mais tempo. Olhei nos bolsos: nem um tostão para comprar o livro. Quando a fase do desespero já estava passando para dar lugar à da depressão e à do conformismo, decidi fazer diferente. Eu podia, eu queria e era meu o dever de não perder a esperança.

Os apressados iam e vinham, eu ali, parado, angustiado, oferecendo meus sonhos. Naquele correr mais rápido do tempo, ninguém parecia me ouvir, nem sequer me notar. Foi quando olhei mais atentamente e, naquele tumulto de rostos passantes, apareceu um que me era familiar. Uma mocinha que eu sabia trabalhar na galeria, não sabia em quê, mas ela passava por ali todos os dias. Era uma vida que estava

praticamente ao lado, mas com quem não havia motivo, nem interesse para a comunicação.

Ela estava vindo, olhava distraída para os próprios pés, muito apressada. Na minha mania de observador, sabia apenas que ela lê na hora do almoço, encontra alguns amigos, discute história e atualidade, é quieta, embora às vezes eu a veja fazendo piada. Para, além disso, eu não sabia nada. Talvez tenha filhos ou um vizinho a quem queira presentear com um livro infantil. Será que gosta de crianças, ou as detesta? Não tinha mais tempo para pensar, "não vou", "você vai", hesitei, mas fui. Ela sorriu, comprou um livro, e se foi apressada ainda olhando para os pés. Ali parado outra vez, me senti menos sozinho. Percebi que a abundância gerada pelo isolamento foi tragada em mim pelo meu próprio isolamento. A angústia se foi. Naquele instante, eu colhi meu próprio sorriso, tão satisfeito estava. Ao voltar para casa, até o meu cachorro parecia mais contente. Era o início do fim de um ciclo em mim.

Sua filha ama livros, e aquele, apesar de ter sido um mau dia, era o seu aniversário. Precisava levar algum presente para comemorar o seu sétimo ano de existência. Naquele dia se findava a fase mais pura da sua infância. Por ser final de mês, ela já não tinha dinheiro para além de uma única cédula. Estava indecisa sobre o que fazer, qual a melhor forma de gastá-la: se comprando alimentos ou comprando um livro e

alimentando os sonhos de sua filha. Comprou um livro. Ficou sem dinheiro, mas contente.

Eu sorria aliviado. Por alguns momentos ela parecia notar minha aflição, mas, se percebeu, não comentou.

Depois que o seu marido morreu, a sua vida não tem sido nada fácil. Todo o pouco que ganha vai para as despesas da casa. Sobrevivem a cada mês. Seguir é o que lhe resta, muitas vezes sem entender. Como uma brisa gélida, as lembranças boas vêm pelos sulcos de sua memória, uma presença constante de um passado presente. Vive presa em dias ruins, cheios de falta, ela se questiona, será mesmo possível que um dia isso mude?

Com a chave na porta de casa, pensa no livrinho e se enche de força, as questões somem, o sorriso volta. Gira a chave, está em casa, junto da sua melhor parte. Apesar de as condições financeiras não serem favoráveis, ali elas são as pessoas mais prósperas, de amor. Juntas sobreviveriam a mais um dia igual ao anterior.

Ali parado, outro mês se iniciava e eu tinha de fazer e vender tudo outra vez. Faltava-me inspiração para começar uma história. Assim, eu procrastinava na existência e protelava meu principal sonho.

De respirar em vão eu já estava fatigado, até que apareceu ali uma professorinha e com ela cerca de vinte crianças, meninos e

meninas, com uniformes escolares, seus rostinhos eram para mim angelicais, a mais pura inocência! Eles se moviam de um lado para o outro, falavam alto, entusiasmados com tantos livros de figuras infantis.

A professorinha gentil os mantinha reunidos e dividia a sua atenção entre todos. Cada criança escolheu e comprou um livro para si, todos satisfeitos com a bagunça. Com tanta movimentação não escapou aos seus olhos que uma garotinha, a mais pequena do grupo, não escolheu e nem comprou um livrinho para si, apenas olhava as escolhas dos coleguinhas e opinava sobre alguns. Com o meu olhar atento percebi a cena, me aproximei e me agachei para ficar mais próximo de sua altura. Indaguei se ela não queria um para si. Ela corou e me falou baixinho "minha mãe não tinha dinheiro para me dar esta manhã, por isso não posso comprar um livro para mim, como meus amigos estão fazendo". Aquilo me constrangeu, seus olhinhos brilhavam cheios de lágrimas e, mesmo assim, ela falava firme.

Pensei rápido e perguntei qual deles era o de que ela mais gostava. Ela me apontou um, que me pareceu ainda não ser para sua idade, mesmo assim, empacotei o livro e o entreguei para ela. Um sorriso muito alegre surgiu em seu rostinho, ela me abraçou e com um beijinho quente na bochecha se despediu, indo com a sua turminha. Paguei pelo livro, cheio de

generosidade e orgulho interior, até então, por mim desconhecidos.

Naquela manhã, enquanto a sua mãe a preparava para a escola, a pequena Ingrid questionava sobre o que ir fazer em uma loja de livros se não teria como comprar um deles para si. Sua mãe, que já tinha chorado todas as lágrimas trancada no banheiro, engolindo em seco, pedia para a menina apenas ter fé, que, "se o papai do céu quiser, ele vai te dar o melhor livro". Disse aquilo na falta de ter algo melhor para dizer, ela nem mesmo acreditava no que havia dito. Quando não temos mais nada, resta-nos a fé. Ela só precisava que o dia corresse normalmente, sua filha tinha de ir à escola para que ela não faltasse ao trabalho. E funcionou! Com a frase, seu rostinho se iluminou: "Está bem, mamãe, eu vou."

Naquela noite, antes de entrar em casa, sentada nas escadas, esperou as lágrimas pararem. Não podia deixar sua pequena ver aquela fraqueza, mas, "Deus! de onde tirar mais forças?" Quando entrou em sua casa, encontrou o sorriso feliz de sua filha, que exultava dizendo: "Você tinha razão, mamãe! Deus me deu um livrinho". Ela estava diferente, parecia entender tudo o que havia acontecido, cheia de esperança. Naquele momento não precisava disfarçar, chorou feliz, abraçando o seu tesouro.

Do outro lado da cidade, eu já na cama abracei minha esposa, algo em mim tinha mudado. Não consegui dormir. Levantei,

tirei o meu velho material de escrever da gaveta e me pus a contar esta história. É só a história que mudou a minha vida.

Hoje em dia, vejo aquela mãe passando, ela já não olha mais para os pés. Eu me alegro por ter entendido como interferir no tempo. O segredo é amar o ser humano. Quando se ama, ou se para ou se corre. Eu estou correndo, correndo nesse tempo!

[Leia esta história em áudio e libras.](#)

# **SOBRE OS PARCEIROS**

## **REDE DE LEITURA INCLUSIVA E O GT SANTA CATARINA**

A Rede de Leitura Inclusiva, foi um projeto criado pela Fundação Dorina Nowill para Cegos, em 2013, na perspectiva de fomentar o acesso à leitura e à informação para pessoas com deficiência visual, mas que hoje envolve pessoas físicas e instituições de diversas áreas da inclusão da pessoa com deficiência.

Além de fornecer livros em formatos acessíveis, são desenvolvidas estratégias de engajamento aos profissionais que atuam como mediadores de leitura para que esse público também seja contemplado em suas atividades.

Essa ação acontece em âmbito nacional, com a mobilização de cada Estado na formação de Grupos de Trabalho para que se construam novas ações de leitura e inclusão ou se potencializem as já existentes.

Os Grupos de Trabalho, presentes nos 26 estados e no Distrito Federal, são compostos por leitores com e sem deficiência, bem como por diversos profissionais: bibliotecários, professores, educadores sociais, gestores, audiodescritores, tradutores, intérpretes de libras, entre outros, que compartilham experiências e oportunidades para atuação local. A ACESSIBILIDADE ATITUDINAL é um dos principais focos. A

participação nessa proposta é voluntária e as ações são gratuitas.

Foi com esse objetivo que Santa Catarina se engajou na rede, iniciando seu contato com a Fundação, no II Fórum Catarinense do Livro e da Leitura, que aconteceu em maio de 2014. Foi o marco inicial que antecedeu a criação do GTSC em 2015. Nesse Fórum, a Fundação Dorina Nowill para Cegos esteve presente com uma palestra sobre práticas de leitura inclusiva para pessoas com deficiência visual: cenário, avanços e desafios.

Desde 2015, o GTSC tem impulsionado a Rede de Leitura Inclusiva em Santa Catarina, atuando em diferentes municípios, conectando saberes e potencializando as ações que tenham como foco o livro e a leitura. É através do envolvimento de pessoas e instituições locais que as atividades programadas fazem sentido para a população com e sem deficiência no Estado de Santa Catarina.

Com o lançamento do GTSC, os parceiros e parceiras, sejam pessoas físicas ou instituições, conectam-se presencial e virtualmente, planejando ações práticas, compartilhando saberes populares e acadêmicos, com o objetivo de desenvolver estratégias e metodologias que garantam o preparo de todos os envolvidos para que a participação do público com deficiência nas ações de livro, leitura, informação e comunicação aconteçam em pé de igualdade com os demais públicos.

É no diálogo e nas trocas de saberes que a ACESSIBILIDADE ATITUDINAL ganha força e nos provoca a sermos efetivamente inclusivos em todos os setores da sociedade atual. Tornar o Desafio Inclusivo acessível é um dos exemplos de atuação do GTSC que mobilizou profissionais e instituições em Santa Catarina para que a BPSC pudesse materializar seu projeto.

## **FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS**

A Fundação Dorina Nowill para Cegos, idealizadora da Rede de Leitura Inclusiva, trabalha há mais de 70 anos em diferentes cenários sociais com o intuito de promover a inclusão e a autonomia de pessoas com deficiência visual. Por meio de diversos projetos, oferece serviços gratuitos e especializados de habilitação e reabilitação, como orientação e mobilidade, clínica de visão subnormal e programas de inclusão educacional e profissional.

Referência na produção e distribuição de materiais nos formatos acessíveis em braille, áudio, impressão em fonte ampliada e digital acessível, a instituição envia, gratuitamente, livros para escolas, bibliotecas e organizações de todo o Brasil, por meio da sua Rede de Leitura Inclusiva, com o objetivo de reunir pessoas físicas e jurídicas para juntos planejarem ações presenciais e/ou virtuais com os temas livro, leitura, inclusão e acessibilidade e incentivo da leitura para pessoas com deficiência.

## **BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA**

A Biblioteca Pública de Santa Catarina (BPSC), ao comemorar 167 anos de sua existência, presenteia a comunidade com as histórias vencedoras do projeto "Desafio Inclusivo da BPSC: Conte uma História", em um *e-book* acessível.

Ao longo de sua história, a Biblioteca vem realizando vários projetos e ações para incentivar a leitura. Essas ações ocorrem porque a BPSC observa que não se deve ter o olhar somente para aqueles leitores tradicionais, mas deve também conhecer as singularidades humanas e contemplar as especificidades de cada um deles.

Dessa maneira, tem por objetivo abraçar aqueles que possuem dificuldades de acesso à leitura, ao livro e à literatura, minimizando as limitações físicas, sensoriais, mentais e cognitivas.

A acessibilidade à literatura faz parte da formação do indivíduo social. Pode-se pensar a literatura como uma formadora de identidade, pois a arte, segundo Antônio Candido, em seu livro "Literatura e Sociedade" (2006, p. 172) aponta: "a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua

conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais."

Assim, percebe-se a indispensabilidade de o ser humano ter ao seu alcance um livro de literatura. Ter conhecimento do mundo por meio das leituras é experimentar vivências múltiplas e aprendizados únicos, pois a literatura não somente traz uma consciência de indivíduo dentro da sociedade, mas promove bem-estar, alegria, cria uma mente voltada ao belo e ao sublime existentes no mundo.

A literatura é alimento da alma e se faz fundamental em todas as esferas da sociedade, pois, segundo Antônio Candido, em seu livro "Vários Escritos", no capítulo "Direito à literatura", pondera sobre os direitos humanos e estabelece a literatura como um direito essencial ao homem, assim como a alimentação, a moradia, a saúde, a segurança. Segundo o autor, esse direito faz do sujeito um indivíduo mais humano.

Reflexionando sobre as concepções de Candido, tendo consciência de que o ano de 2020 foi um ano incomum devido à pandemia da doença COVID 19, pode-se salientar que foi um ano desafiador aos órgãos que recebem em sua intimidade o público leitor. Tendo a materialidade dos desafios de 2020, a BPSC procurou caminhos para alcançar a comunidade catarinense para que ela não fosse privada de seu direito à leitura.

Uma das propostas foi o instigante projeto “Desafio Inclusivo da BPSC: Conte uma História”, que ofereceu uma atividade interativa e lúdica durante o período do isolamento social em decorrência da pandemia. Evidenciou-se no projeto a intenção de incluir cidadãos com deficiência física, sensorial, mental e cognitiva. A BPSC ponderou, também, sobre indivíduos de classe social e econômica desfavorecidas, pessoas com limitações de outras ordens e sem limite de faixas etárias.

A BPSC tem por objetivo primordial ser exemplo para outros espaços de leitura e, dessa maneira, incentivar o abrir das portas para a inclusão, ou, usando as palavras de Candido, “ter o direito à literatura efetivado a todos os indivíduos habitantes da sociedade na qual vivemos”.

Neste ano de 2021, a BPSC tem a satisfação de finalizar o projeto “Desafio Inclusivo: Conte uma história”, iniciado em 2020, como já foi apontado. O plano desenvolveu-se com a adesão de muitos colaboradores voluntários.

É possível mencionar que o projeto superou as expectativas, ou seja, superou o número de inscritos no prazo previsto da programação. Os participantes do Desafio enviaram histórias pessoais, relatos ou crônicas escritas, gravadas ou filmadas – histórias autorais de temática livre.

Os constituintes classificados neste projeto de união e inclusão possibilitaram a criação de uma obra primorosa, múltipla e

diversificada. Fizeram do projeto uma reunião de sentimentos, porque é, em última análise, o coração de quem escreve misteriosamente sutil, refinado, contendo suas verdades e seus olhares. Em suma, reuniram as palavras, deixaram o coração falar e criaram momentos únicos, que refletiram as emoções de suas almas sedentas de imaginação e de partilha. O resultado, feito de cores, dores e sensações, veio pintado de amor e de quimeras perfumadas de muita ternura. Tudo isso surpreendeu e encantou a comissão avaliadora e todos os envolvidos no projeto.

O prêmio pelo material criado pelos vencedores está concretizado nesta primeira edição do "Desafio Inclusivo da BPSC: Conte uma História", em forma de *e-book*, com os devidos créditos aos autores. A publicação em formato digital estará acessível ao leitor e ouvinte no portal da Fundação Catarinense de Cultura (FCC). Dessa forma, qualquer cidadão terá a possibilidade de conhecer os textos, ou seja, de ter "direito à literatura".

O projeto contou com entidades e órgãos empenhados em apoiar projetos de inclusão social, tanto no Brasil como em outros países. Teve a colaboração voluntária de 10 equipes de jurados convidados pela BPSC para compor a Comissão de Júri, entre eles bibliotecários, escritores, professores de letras, jornalistas, contadores de histórias e críticos de arte. O projeto teve mais de duzentos participantes, que receberam certificado

de participação. A premiação foi direcionada a onze autores e suas histórias fazem parte deste *e-book*.

À Biblioteca, consciente da importância da preservação e difusão da cultura, coube o papel de proporcionar novos caminhos para incluir as pessoas ao ambiente cultural e social, adaptando-se à situação atual, planejando o projeto e realizando-o com sucesso.

A Biblioteca Pública de Santa Catarina, por meio das parcerias com a Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE), Fundação Dorina Nowil para Cegos, Grupo de Leitura inclusiva - GTSC, contemplou a Lei nº 13.146/2015 – Lei Brasileira de Inclusão (LBI), oportunizando a participação de pessoas com e sem deficiência nesse desafio literário.

Assim, parablenizo todos os participantes pela coragem e ousadia de aceitarem o desafio, exprimindo livremente seus sentimentos por meio dos textos ficcionais ou reais, convidando os leitores a viajar em suas histórias.

Vale lembrar que, nos anos de 2019 e 2020, a Biblioteca Pública de Santa Catarina teve a honra de receber os selos da Organização de Desenvolvimento Sustentável – ODS, e um dos motivos foi a promoção de ações inclusivas, tais como “Roda de Leitura Inclusiva”, em maio de 2019; “Leitura Náutica”, em junho de 2019; “Arraiá inclusivo”, em julho de 2019; “Scanner de Voz”, implantado em julho de 2019.

A BPSC segue a sua trilha, cumprindo o propósito de formar leitores, aproximar pessoas e fazer, com entusiasmo, a literatura chegar a todos indistintamente.

**Cleonisse Inês Schmitt**

Coordenadora da BPSC